Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 11/02 - 14/02

Tailor Made

Tereos

Macroeconomia

No cenário macroeconômico da semana, a crescente tensão no comércio internacional continua a impactar os mercados financeiros, com a recente escalada de tarifas por parte dos Estados Unidos criando incertezas em várias economias globais. No início da semana, o anúncio de um novo conjunto de tarifas sobre aço e alumínio, feito pelo presidente norte-americano Donald Trump, provocou reações tanto nos Estados Unidos quanto no resto do mundo. Trump declarou que todas as importações desses produtos para os EUA estariam sujeitas a uma tarifa de 25%, sem exceções, a partir de março. A medida é vista como uma continuação de sua agenda protecionista, com o objetivo de fortalecer a indústria norte-americana.

A notícia, que foi recebida com cautela e desconfiança, gerou um clima de incerteza. Na Coreia do Sul, autoridades convocaram siderúrgicas para discutir estratégias de mitigação de danos. Na União Europeia, a Comissão Europeia se manifestou, dizendo não ver justificativas para tal tarifação e prometeu uma reação. Já na Alemanha, o ministro da Economia, Robert Habeck, afirmou que a Europa deve responder de forma unida e decisiva às restrições tarifárias.

O governo brasileiro adotou uma postura mais cautelosa. Autoridades como o vice-presidente Geraldo Alckmin e o ministro da Fazenda Fernando Haddad enfatizaram a necessidade de diálogo com os EUA antes de adotar qualquer medida retaliatória. A postura prudente visa evitar uma escalada de medidas que possam prejudicar ainda mais o comércio internacional.

Além das preocupações comerciais, há um receio crescente de que as tarifas possam contribuir para uma pressão inflacionária nos Estados Unidos. Isso ocorreria devido ao aumento nos preços das commodities e produtos importados, o que poderia impactar o ritmo de queda das taxas de juros do Federal Reserve (Fed), que atualmente se encontra entre 4,25% e 4,50% ao ano. Autoridades do Fed, incluindo seu presidente Jerome Powell, têm se mostrado cautelosas quanto à redução dos juros, observando de perto os desdobramentos dessa nova rodada de tarifas.

No Brasil, a reação do mercado é de atenção, já que as tarifas podem afetar o setor exportador de aço e alumínio, que já enfrenta desafios com a desaceleração global e com as taxas de juros elevadas. A inflação brasileira também continua a ser uma preocupação, com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) tendo subido 0,16% em janeiro, refletindo aumentos no preço de transporte e alimentação.

Enquanto os efeitos econômicos ainda são incertos, o fortalecimento do dólar é uma consequência imediata das altas taxas de juros nos EUA, além das políticas tarifárias. O dólar mais forte tende a impactar não só o comércio, mas também pode gerar um aumento nos preços das commodities, como combustíveis e alimentos, afetando economias ao redor do mundo.

A situação também afeta as expectativas para o Brasil. Embora o mercado de trabalho tenha mostrado sinais de aquecimento com o aumento de 3,1% no setor de serviços em 2024, a alta da Selic, a inflação e a incerteza sobre o comércio exterior deixam o cenário econômico doméstico instável. O impacto das tarifas de Trump ainda está sendo avaliado pelo governo brasileiro, que espera um possível impacto, mas busca evitar uma reação precipitada.

Esse novo capítulo nas políticas comerciais globais promete continuar a afetar os mercados internacionais, gerando desafios tanto para as economias emergentes quanto para as economias desenvolvidas, com o cenário global ainda em constante evolução.

Mercado Sucroenergético

Nesta semana, o mercado de açúcar apresentou uma trajetória volátil, alternando entre valorização e ajustes pontuais, com os spreads desempenhando um papel central nas oscilações dos preços. Após duas sessões de queda, o açúcar retomou movimento altista e replicou esse comportamento ao longo da curva futura. O contrato de março testou a máxima de 19,79 c/lb, mas falhou em sustentar os ganhos, encerrando com leve valorização. A expiração do contrato de Londres do refinado na quinta-feira impulsionou o prêmio do branco, que subiu de 70 para cerca de 90 USD/t no início da semana e posteriormente atingiu 109,67 USD/t.

Nos EUA, a movimentação do spread H-K em NY chamou atenção, negociando próximo às máximas observadas em outubro passado, quando ainda se discutia uma finalização precoce da safra do Centro-Sul. A alta do diferencial ocorreu apesar de fundamentos que não indicam um aperto real na oferta e demanda, como a recente liberação de 1 milhão de toneladas para exportação pela Índia e a fraqueza dos prêmios no mercado físico. O spread H-K atingiu 1,78 c/lb em seu pico, mas encerrou a semana corrigindo parte dos ganhos, finalizando em 1,42 c/lb. Parte desse movimento pode estar relacionada à rolagem de posições por parte dos fundos, que seguem com apostas baixistas e carregam a maior posição líquida vendida desde 2019, totalizando 127 mil lotes.

O cenário internacional segue atento à safra indiana, que tem apresentado desafios, especialmente em Maharashtra e Uttar Pradesh. A produtividade tem sido afetada por fatores climáticos e doenças, levando a revisões para baixo nas estimativas de produção e sustentando os preços no mercado local. Ainda assim, a incerteza em relação ao volume final da safra e à demanda global tem criado um ambiente de volatilidade nos preços. No longo prazo, há especulações sobre a possível redução da área plantada com beterraba sacarina na União Europeia, o que poderia impactar a oferta de açúcar refinado.

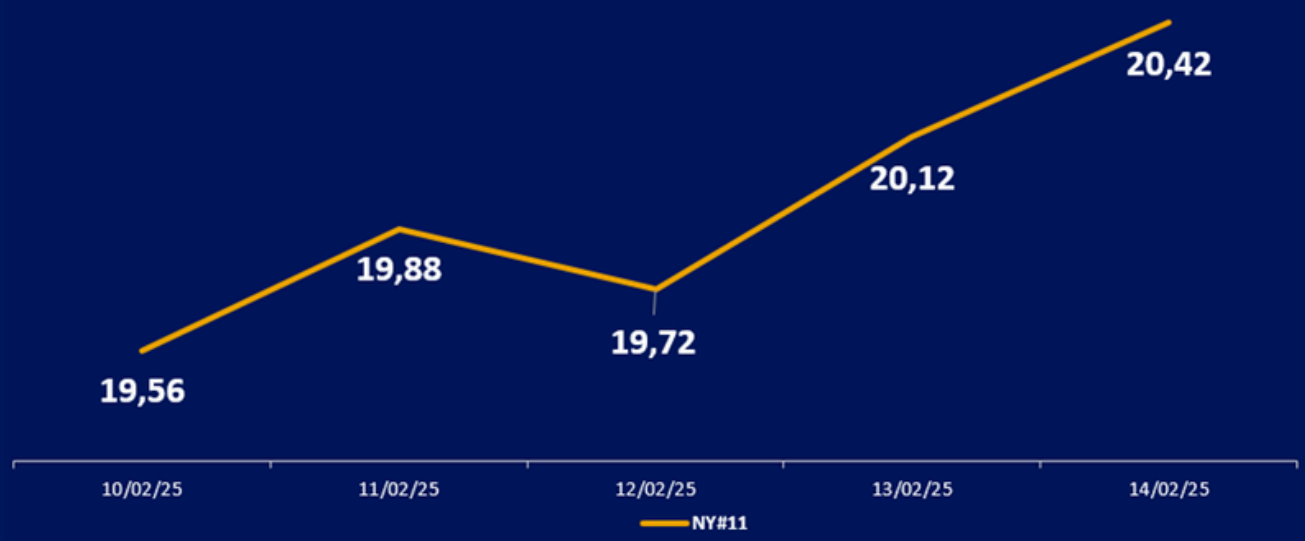
No Brasil, a entrada iminente da safra do Centro-Sul segue como um fator limitador para novas altas no médio prazo. As perspectivas de produção são positivas, com projeções atuais indicando 41,5 milhões de toneladas, acima das 40 milhões do ano anterior. A UNICA divulgou dados de vendas internas de etanol hidratado, que superaram 1 bilhão de litros na quinzena, sugerindo um elevado abastecimento das distribuidoras. Esse volume pode indicar que os preços do etanol se aproximam de um teto, com avanços futuros dependendo do ritmo de moagem entre março e abril.

O fechamento da semana foi marcado pela expiração do contrato de março em Londres, com um volume entregue de 411,2 mil toneladas, a terceira maior entrega da história para esse vencimento. O diferencial entre as telas de março e maio foi ajustado, mas manteve-se positivo, sugerindo que o recebedor optou por garantir o açúcar no curto prazo, apesar do prêmio elevado. Além disso, os desdobramentos da Dubai Sugar Conference reforçaram a percepção de uma safra indiana menor, mas o impacto dessa informação no mercado físico segue incerto.

O momento atual do mercado reflete uma disputa entre as narrativas altista e baixista. Enquanto os preços sobem, justificam-se pela demanda mais aquecida e pelo ajuste dos spreads, mas, quando caem, os fundamentos voltam ao centro do debate, com destaque para a expectativa de um novo superávit global. **Ainda que o curto prazo apresente sinais de suporte aos preços, o avanço da safra do Centro-Sul e da Tailândia nos próximos meses pode limitar a continuidade desse movimento.**

Mercado Sucroenergético

ICE #11 SBH5 (MAR’25)



Clima &Tempo

Até agora, fevereiro trouxe chuvas acima da média para São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná — regiões-chave produtoras de cana-de-açúcar no Centro-Sul. Embora essas chuvas tenham favorecido a recuperação do NDVI e o desenvolvimento da safra, as previsões indicam uma desaceleração nas precipitações para o restante do mês, o que pode reduzir o crescimento e a qualidade da colheita.

Os modelos de previsão europeus e americanos mostram chuvas significativamente abaixo da média para os próximos 15 dias, e o total mensal deve ficar abaixo da média e inferior às chuvas registradas no ano passado.

Outro fator a ser monitorado nas próximas semanas é a previsão de temperaturas acima da média em grande parte do Centro-Sul, especialmente em São Paulo, incluindo as regiões de São José do Rio Preto e Ribeirão Preto. Caso se concretizem condições climáticas mais secas, as temperaturas mais altas podem intensificar a evaporação da umidade do solo, prejudicando ainda mais o desenvolvimento da cana.

Este documento foi preparado pela Tereos (a “Companhia”) com o único objetivo de atualização semanal dos fundamentos do Mercado de Açúcar. Este documento contém certas declarações que são prospectivas. Essas declarações se referem, em particular, às previsões da Companhia, sua expansão de operações, projeções, eventos futuros, tendências ou objetivos que estão naturalmente sujeitos a riscos e contingências que podem levar a resultados reais que diferem materialmente daqueles explicitamente ou implicitamente incluídos nessas declarações. A Companhia, assim como suas afiliadas, diretores, consultores, funcionários e representantes, se eximem expressamente de qualquer responsabilidade por tais declarações prospectivas. A Companhia não se compromete a atualizar ou revisar as declarações prospectivas que podem ser apresentadas neste documento para refletir novas informações, eventos futuros ou por qualquer outro motivo, e qualquer opinião expressa nesta apresentação está sujeita a alterações sem aviso prévio. Este documento não constitui, ou faz parte de uma oferta ou convite para vender ou comprar, ou qualquer solicitação de qualquer oferta para comprar ou subscrever quaisquer valores da Companhia em qualquer jurisdição. Este documento não deve constituir a base de, ou de que depende, em relação a qualquer contrato ou compromisso. Observe que todas as porcentagens incluídas na apresentação a seguir podem ser calculadas em números não arredondados e, portanto, podem variar das porcentagens calculadas em números arredondados.